

A situação ocupacional e educacional dos jovens no Brasil: 2002 a 2012

Paulo Aguiar do Monte*

Juliane da Silva Ciríaco**

Resumo: Este trabalho tem como foco central o contingente de jovens (18 a 25 anos) fora do mercado de trabalho e da rede ensino, denominados de geração “nem-nem”. O objetivo do artigo é determinar os condicionantes da condição “nem-nem” no Brasil no período compreendido entre 2002 e 2012. Para este fim, será aplicado o modelo Logístico, utilizando como fonte de dados a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) e levando em consideração o plano amostral da pesquisa. Os principais resultados indicam que: I - Ter outro jovem “nem-nem” com mesma faixa de idade na família tende a aumentar em mais de 40 pontos percentuais a probabilidade de o jovem estar na condição “nem-nem”; II - Variáveis relacionadas ao *background* familiar e escolaridade do jovem são fundamentais na determinação do grupo “nem-nem”, reforçando a ideia de que uma conjuntura familiar favorável é primordial para a redução das taxas de inatividade laboral entre os jovens.

Palavras-chave: Brasil; Educação; Jovens; Inserção Ocupacional

Abstract: This paper has as its central focus the sharp contingent of young people (18-25 years) out of the labor market and the education system, called “nem-nem”. In this context, the objective of this article is to determine the conditions of the “nem-nem” situation in Brazil in the period between 2002 and 2012, taken into consideration the sample plan. To this end, the Logistic model will be applied, using as a data source PNAD (*Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*). The main results indicated that: I - Having another “nem-nem” young people with same age in the family tends to increase by more than 40% the chances of being “nem-nem”; II - The variables of family *background* and education of the young people are crucial in determining the environment is important to reduce the rate of inactivity among young people.

Keywords: Brazil; Education; Young; Occupational Insertion

* Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pós-Doutorado pela University of Cambridge/UK. Doutor em Economia pelo PIMES/UFPE.

** Mestre em Economia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

1. Introdução

O ciclo de vida do ser humano é composto por fases que possuem uma seqüência lógica de acontecimentos que o acompanham ao longo da sua trajetória, podendo ter caráter biológico ou social. Tanto os eventos de caráter biológicos (nascimento, puberdade, menarca, maternidade, menopausa, morte) quanto os sociais (formatura, primeiro emprego, casamento, aposentadoria) estão inseridos dentro de uma seqüência e são previsíveis no que está relacionado ao momento de seu início e/ou encerramento (SHEEHY, 1996).

Dentre uma das fases mais importantes do ciclo de vida está inserida a juventude, fase na qual os eventos sociais são caracterizados por uma maior participação no mercado de trabalho e/ou frequência à escola. A definição do conceito de juventude é bastante ampla, podendo envolver questões de ordem qualitativa e quantitativa. Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas), a fim de obter medidas eficazes e de forma focada, define-se como jovem os indivíduos entre 15 e 24 anos de idade. Já para a Constituição Federal da República, o parâmetro utilizado na definição dessa categoria se refere aos brasileiros com idade entre 15 e 29 anos completos.

No Brasil, é possível observar nas últimas décadas mudanças significativas na estrutura etária populacional. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no ano de 2010, o Brasil obteve o maior pico da população jovem entre 15 e 29 anos, aproximadamente 51 milhões de pessoas contra 47 milhões em 2000. Esse processo de transição demográfica teve como efeito a menor razão de dependência e maior incremento da População em Idade Ativa, o que pode favorecer o desenvolvimento econômico do país, se devidamente aproveitado. Porém, do ponto de vista econômico, um fator chamou a atenção dos pesquisadores: a crescente parcela de jovens brasileiros que nem trabalham e nem estudam, denominados de “nem-nem”¹.

¹ Estes jovens foram denominados pela literatura estrangeira pela sigla NEET (*Neither in Employment, Education nor Training*) e, no Brasil, pela denominação de “nem-nem”.

O aumento substancial do desemprego e da informalidade, assim como a precariedade educacional, têm contribuído para esse resultado. Para Camarano e Kanso (2012), esse fenômeno pode ocasionar fortes implicações do lado social e econômico, acarretando prejuízos no desenvolvimento do país.

Com base nisso, este trabalho busca analisar os determinantes da condição “nem-nem” entre indivíduos de 18 e 25 anos² no período de 2002 a 2012³, no Brasil. Assim, o artigo se propõe a determinar qual a influência de fatores socioeconômicos sobre a taxa de inatividade educacional e laboral dos jovens, analisando as possíveis oscilações nesses determinantes ao longo dos anos analisados. A justificativa para escolha desse período está no fato de que o respectivo intervalo de tempo aqui utilizado, de 10 anos, permitirá uma análise mais rica, proporcionando uma visão mais ampla das transformações políticas, econômicas e institucionais, em vistas a subsidiar o norteamo de políticas públicas que facilitem a inserção produtiva e educacional dos jovens no país. Para este fim, será aplicado um modelo *logit* tendo como fonte de dados a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), levando em consideração o fator de expansão da amostra.

Além desta introdução, esta pesquisa contempla mais 4 seções. Inicialmente, apresentam-se os principais trabalhos observados sobre a temática. A próxima seção reporta-se sobre a metodologia utilizada, trazendo conceitos sobre a modelagem bem como a descrição dos dados. A quarta seção refere-se às discussões dos principais resultados encontrados. Por fim, a última seção trata das considerações finais.

2. Geração “Nem-Nem”

Segundo dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) de 2010, há um número crescente de jovens em diversos países que não estão trabalhando nem estão inseridos em percursos da educação. Estes grupos são denominados pela literatura estrangeira por

² A escolha dessa faixa de idade foi feita com base no estudo de Cardoso (2013), no qual, segundo ele, esse intervalo de idade para parte significativa dos jovens é marcado pelo abandono da escola e possível entrada no mercado de trabalho.

³ Exceto pelo ano de 2010 que não houve a pesquisa devido à realização do Censo Demográfico.

NEET (*Neither in Employment, Education nor Training*). A presença de uma alta proporção de NEETs ressalta a existência de uma transição difícil entre a escola e o trabalho, tendo em vista que uma maior escolaridade facilita a transição para o emprego.

Para Cardoso (2013) e Thimoteo (2013), esse fenômeno não é observado somente nas Américas, mas também na Europa, desencadeada com a crise econômica de 2008, no qual se disseminou pelo continente sob a denominação de condição “N⁷”⁴. Contudo, a natureza do fenômeno no Brasil é diferente do ocorrido na Europa, no qual a crise econômica ocorrida em 2008 deixou os jovens europeus no limbo, devido à falta de oportunidades no mercado de trabalho, mesmo que finalizado o ciclo escolar. A ocorrência para tal situação no Brasil é de outra origem, uma vez que a educação pública é considerada de má qualidade e pouca atrativa, não conseguindo manter os jovens inseridos na rede de ensino, acompanhado por uma estrutura familiar precária, dificultando, conseqüentemente, a permanência no emprego devido à baixa qualificação influenciada pelos poucos anos aferidos de estudo.

Monteiro (2013) analisou a condição “nem-nem” entre jovens brasileiros de 19 a 24 anos e observou que boa parte desses jovens eram mulheres, sendo a maioria mães. Para o autor, esse grupo só inspira preocupação se tal condição não é fruto de escolhas pessoais e sim da falta de opções. A maior parte desses indivíduos considerados “nem-nem” estão transitando entre ocupações ou saindo da vida na escola para o mercado de trabalho, contudo determinados grupos correm risco de tornarem-se permanentemente inativos se estiverem na inatividade por muito tempo.

Segundo Camarano *et al.* (2006), os jovens que não estudam e que não fazem parte da força de trabalho são em sua maioria compostos de indivíduos do gênero sexo feminino. As características individuais destes jovens, independente do sexo, são predominantemente de etnia parda, com menor nível de escolaridade, moradores da zona rural, com maior número de crianças no domicílio, nível de renda inferior e chefes menos escolarizados. Dentre as mulheres, aproximadamente 3/4 já possuíam filhos e 2/3 residiam com parceiro. Ressalta-se ainda que no processo de transição para a vida adulta

⁴ Advém da denominação espanhola “*ni trabaja, ni estudia*”.

existe um forte viés de gênero, condicionado principalmente pelo nível de escolaridade e renda residencial.

Barros e Mendonça (1991) analisaram as implicações geradas pela pobreza sobre o bem-estar de crianças e adolescentes entre as regiões metropolitanas de Fortaleza, Porto Alegre e São Paulo. O estudo evidencia que a taxa de participação na força de trabalho e a não frequência escolar são crescentes com a idade, superiores para o sexo masculino, e apresentaram-se maiores para as regiões de São Paulo e Porto Alegre. Uma análise semelhante foi feita por Menezes-Filho *et al.* (2002), evidenciando de forma agregada os determinantes dessa escolha para a América Latina, considerando a influência de fatores microeconômicos e macroeconômicos. Esses autores observaram que a renda familiar e a educação dos pais são determinantes para decisão de alocação de tempo dos jovens.

Vieira Silva e Kassouf (2002) averiguam os determinantes de alocação entre estudo e trabalho de jovens com idade entre 15 e 24 anos. O objeto da pesquisa constituiu-se em verificar as condições socioeconômicas, em particular o nível educacional e a condição da atividade laboral. Os autores chegaram a conclusão que uma parte importante do contingente de jovens que fazem parte do PEA (População Economicamente Ativa) e que integram a renda familiar é bastante significativa.

Finalizando, para Cardoso (2013), as transformações estruturais pelas quais passou o Brasil ao longo dos anos e as políticas públicas de redução de barreiras ao acesso à educação e ao mercado de trabalho reduziram o impacto das disparidades regionais e aumentaram o peso da pobreza sobre a explicação da condição “nem-nem” entre os jovens. Considera-se a não inserção no mercado de trabalho e na rede de ensino um sério problema, principalmente em longo prazo, no qual, para Coles *et al.* (2002) e Dorsett e Lucchino (2012), tal situação pode gerar maior probabilidade de inserção nas drogas, gravidez na adolescência e envolvimento com o crime.

3. Metodologia e banco de dados

3.1 Estratégia Econométrica: Modelo Logístico

Para analisar os determinantes da condição “nem-nem” no Brasil, utiliza-se o modelo econométrico de escolha discreta (modelo *logit*), com isso, é possível estimar os efeitos das características individuais, familiares e geográficas dos jovens “nem-nem”.

No caso em questão, a variável dependente assume valor igual a “1” caso o indivíduo não participe da População Economicamente Ativa (PEA) e não frequente a rede de ensino e “0” caso contrário. A análise estatística dos dados se baseia na função de probabilidade logística acumulada especificada por:

$$P_i = \mathbf{F}(n_i) = \mathbf{F}\left(\alpha + \sum_{k=0}^k \delta_k W_{ik}\right) = \frac{1}{1 + e^{-n_i}} = \frac{1}{1 + e^{-(\alpha + \sum_{k=0}^k \delta_k W_{ik})}} \quad (1)$$

Em que, P_i corresponde a probabilidade de ocorrência de um evento dada a ocorrência de W_{iK} na observação i , para $1 \leq i \leq m$, no qual m é o número de observações existentes, $F(\cdot)$ é a função de distribuição acumulada, δ_k é o coeficiente da variável independente W_{ik} e n_i é um índice contínuo teórico determinado pelas variáveis explicativas W_{iK} .

A análise é pautada na função de probabilidade logística acumulada que pode ser determinada como o logaritmo da razão de probabilidades de ocorrência de um evento. A estimação dos parâmetros, por sua vez, é realizada pelo método da máxima verossimilhança, que possui uma série de propriedades estatisticamente desejáveis.

Em seguida, para avaliar a significância individual dos parâmetros estimados, utiliza-se o teste de Wald⁵, obtido pela razão do coeficiente pelo seu respectivo erro padrão. Após a obtenção dos coeficientes do modelo

⁵Esse teste é obtido por comparação entre a estimativa de máxima verossimilhança do parâmetro ($\hat{\delta}$) e a estimativa de seu erro padrão. A razão resultante, sob a hipótese $H_0: \hat{\delta} = \mathbf{0}$, tem distribuição normal padrão. A estatística do teste Wald para a regressão logística é dado por:

$$w_i = \frac{\hat{\delta}}{ep(\hat{\delta})}$$

Logístico é possível também obter os efeitos marginais derivados (ou elasticidades). Esses efeitos consistem numa interpretação mais objetiva dos resultados em relação ao impacto de cada variável explicativa sobre a probabilidade de o jovem estar na condição “nem-nem”.

3.2 Banco de Dados e Tratamento

Os dados são oriundos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para os anos de 2002 a 2012 (exceto para o ano de 2010 que não houve a pesquisa), incorporando a estrutura do seu plano amostral. A PNAD é uma pesquisa amostral complexa caracterizada por possuir aspectos de estratificação das unidades de amostragem, conglomeração e probabilidades desiguais de seleção em um ou em mais estágios, a depender do estrato. Portanto, os dados não podem ser tratados como observações independentes e identicamente distribuídos, uma vez que não foram gerados por amostra aleatória simples com reposição, o que acarretaria em estimativas viesadas e ineficientes.

Diante disso, optou-se por considerar a importância do plano amostral, contornando-se o problema de subestimação ou superestimação da variância, permitindo-se assim a obtenção de estimativas robustas. Para tal, foram consideradas as seguintes variáveis: STRAT (Estrato), PSU (Unidade Primária de Amostragem) e Peso (variável V4729 no arquivo de pessoas ou V4611 do arquivo de domicílios). Foram selecionados os indivíduos, entre 18 e 25 anos, que no referido período da pesquisa responderam se faziam ou não parte da PEA e da rede de ensino. Em seguida, estima-se o modelo através do método de máxima verossimilhança (MV) e as estimativas da variância são realizadas por meio do processo de linearização de Taylor.

O modelo proposto é composto por jovens considerados “nem-nem” e “não nem-nem”. A equação (2) é elaborada de acordo com as variáveis que estão descritas no Quadro 1 e as chances de ocorrência da condição “nem-nem” são dadas por uma série de atributos especificados por:

$$\ln\left(\frac{nem-nem}{n\tilde{a}o\ nem-nem}\right) = \alpha_0 + \delta_1 P\text{essoal}_i + \delta_2 F\text{amília}_i + \delta_3 R\text{egião}_i + \varepsilon_i$$

(2)

Quadro 1 – Brasil: Descrição dos dados utilizados nas estimações

Variáveis	Descrição das variáveis
Variável dependente	
Geração “Nem-nem”	1 caso o indivíduo ⁶ não estude e se encontre fora da PEA e 0 caso estude e/ou faça parte da PEA
Características dos indivíduos	
Mulher	1 para mulher e 0 para homem
Escolaridade do jovem	1 para escolaridade menor que fundamental e 0 caso contrário
Idade	Idade aferida em anos de vida
Branca	1 para Branca e 0 caso contrário
Características da família	
Nº crianças	Número de crianças com idade inferior a 3 anos na família
Nº aposentados	Número de idosos (ou seja, com idade igual ou superior a 60 anos) aposentados na família
Presença mãe	1 caso a mãe presente na família e 0 caso contrário
Mulher* crianças	Interação Mulher* Nº crianças
Escolaridade do chefe	1 para chefe com escolaridade ⁷ (excluindo o jovem) maior que ensino médio completo e 0 caso contrário
Tamanho família	Número de componentes na família
Outro “nem-nem”	1 para a existência de outro jovem “nem-nem” com mesma faixa de idade na família e 0 caso contrário
Outra renda	Rendimento médio familiar (logaritmo) relativo a outras rendas ⁸
Renda per capita familiar em percentis	Base: 20% mais ricos ⁹ (5º quintil)
20º percentil	1 para o indivíduo situado no 20º percentil de renda (1º quintil)
40º percentil	1 para o indivíduo situado no 40º percentil de renda (2º quintil)
60º percentil	1 para o indivíduo situado no 60º percentil de renda (3º quintil)
80º percentil	1 para o indivíduo situado no 80º percentil de renda (4º quintil)
Características geográficas	
Macrorregiões	Base: Norte
Centro-Oeste	1 se o indivíduo mora no Centro-Oeste e 0 caso contrário

⁶ A amostra final exclui informações referentes a lares unipessoais. Além disso, foram excluídos os jovens cuja condição na família é de pensionista, empregado doméstico ou parente de empregado doméstico.

⁷ Os níveis de ensino listados foram tomados com base nos anos de estudo indicados na PNAD seguindo a seguinte regra: fundamental incompleto (menos de 8 anos de estudo), fundamental completo (8 anos), ensino médio incompleto (9 a 10 anos), médio completo (11 anos) e maior que ensino médio completo (12 ou mais).

⁸ Inclui somente rendimento de poupança ou outras aplicações financeiras, dividendos, e programas de transferências de renda.

⁹ Rendimento proveniente da renda mensal familiar para todas as unidades domiciliares (exclusive o rendimento do indivíduo de referência e das pessoas com condição na unidade familiar de pensionista, empregado doméstico, e com menos de 10 anos).

Nordeste	1 se o indivíduo mora no Nordeste e 0 caso contrário
Sul	1 se o indivíduo mora no Sul e 0 caso contrário
Sudeste	1 se o indivíduo mora no Sudeste e 0 caso contrário

Fonte: Elaboração dos autores.

Assim, α corresponde ao intercepto; δ refere-se ao vetor de parâmetros estimados; *Pessoal* denota o conjunto de atributos relativo às características do jovem; *Família* descreve o conjunto de atributos relativo à família do Jovem; *Região* corresponde variável de localização regional do Jovem; e ϵ corresponde ao erro aleatório.

As variáveis idade ao quadrado e renda familiar (incluindo a renda do jovem) foram excluídas devido a existência de multicolinearidade, observada pelo teste VIF (“*fator de inflação da variância*”). Esse teste mostra de forma direta o quanto o erro padrão da estimativa é inflado pela multicolinearidade, usualmente detectado por um $VIF > 10$, comprometendo, desta forma, a validade analítica das estimações. Seguindo a métrica, o VIF das variáveis não descartadas nesta pesquisa foi menor do que 9.

4. Resultados descritivos e econométrico

4.1 Características dos Jovens “Nem-Nem”: Fatos observados

No total, os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (expandido para o universo) contém informações de, aproximadamente, 26,5 milhões de jovens para o ano de 2002 e 26,0 milhões para o ano de 2012. A Tabela 1 descreve a prevalência da Geração “nem-nem” (a) e “não nem-nem” (b) no Brasil, levando-se em consideração o fator de expansão, segundo macrorregião e período (2002-2012).

Ao analisar todo o período (2002-2012) é possível afirmar que houve uma trajetória de crescimento da população “nem-nem” no país, principalmente devido ao aumento verificado nos dois últimos anos da análise (2011 e 2012). Os resultados apontam que a população juvenil para o ano de 2012 é composta por, aproximadamente, 16,8% de jovens inseridos no grupo “nem-nem”. Dentre todas as macrorregiões, considerando o respectivo horizonte de tempo, a menor composição média anual dos chamados “nem-

nem” é verificada nas regiões Sul (11,5%) e Sudeste (12,9%), enquanto a maior composição é observada nas regiões Norte (18,9%) e Nordeste (18,3%).

Tabela 1 – Brasil: Evolução da população “nem-nem” por macrorregião e condição ocupacional, em % (2002 a 2012)

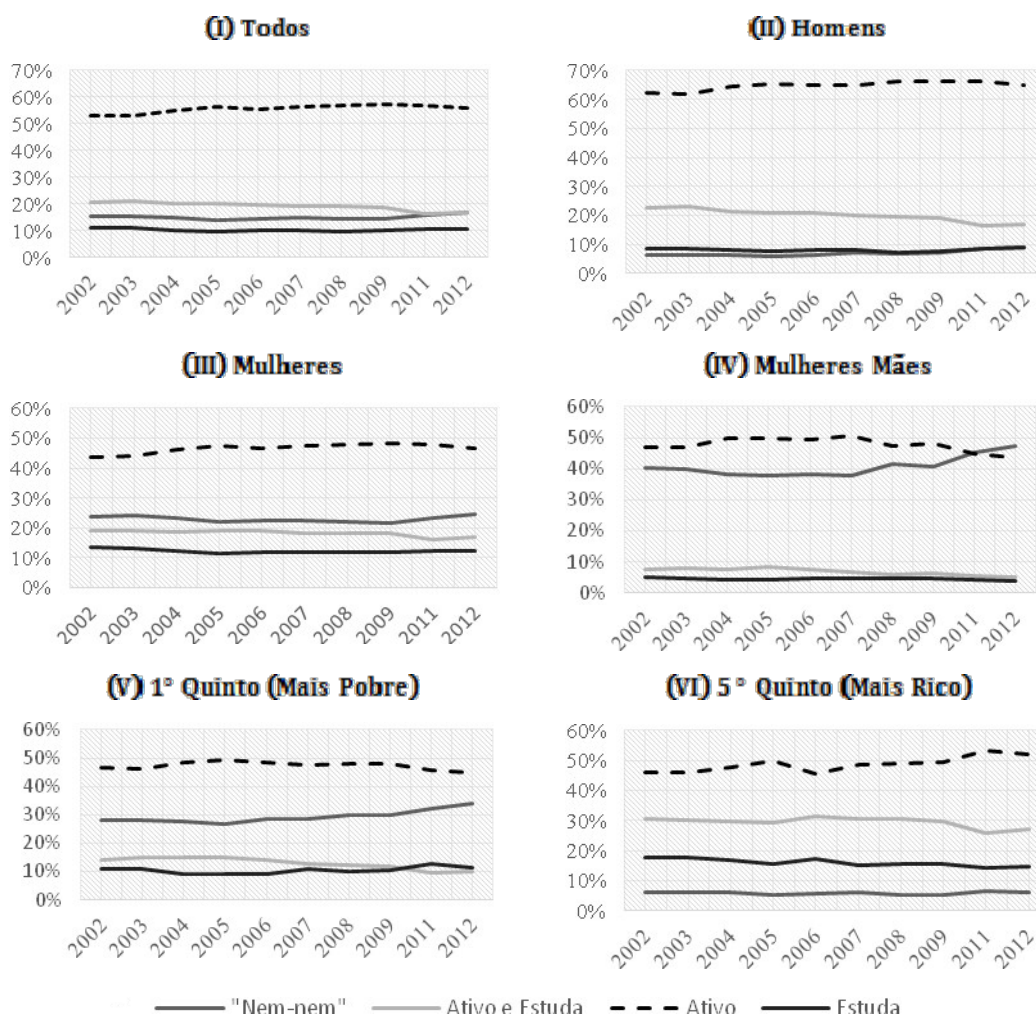
(a) nem-nem	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012
Brasil	15,1	15,1	14,7	14,0	14,6	14,8	14,5	14,3	16,0	16,8
Norte	18,8	18,0	18,8	17,9	18,9	18,9	19,0	18,7	19,7	20,8
Centro-Oeste	15,7	17,0	14,9	14,3	15,1	15,0	13,1	12,7	14,9	14,5
Nordeste	17,5	17,7	17,0	17,0	18,1	18,4	18,0	18,4	20,7	21,1
Sul	12,1	11,6	11,0	11,3	12,1	11,2	10,9	10,8	11,7	12,7
Sudeste	13,8	13,6	13,4	11,7	11,9	12,5	12,3	11,7	13,6	14,5
(b) não nem-	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012
Brasil	84,9	84,9	85,3	86,0	85,4	85,2	85,5	85,7	84,0	83,3
Norte	81,2	82,0	81,2	82,1	81,1	81,2	81,0	81,3	80,3	79,2
Centro-Oeste	84,3	83,0	85,1	85,7	84,9	85,0	86,9	87,3	85,1	85,5
Nordeste	82,5	82,3	83,0	83,0	81,9	81,7	82,0	81,7	79,3	78,9
Sul	87,9	88,4	89,0	88,7	88,0	88,8	89,1	89,2	88,3	87,3
Sudeste	86,2	86,4	86,6	88,3	88,1	87,5	87,7	88,3	86,4	85,5

Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados da PNAD.

Nota¹: Resultados expandidos para população.

O Gráfico 1, a seguir, ilustra a composição da população jovem no Brasil por status ocupacional (“nem-nem”, Ativo, Ativo e Estuda, Só estuda) e categoria analisada, levando em consideração aspectos isolados do cenário juvenil relacionados ao sexo, a fecundidade e a renda per capita do lar. Neste, é possível perceber, em linhas gerais, que mais de 50% dos jovens fazem parte da PEA (Gráfico 1-I), sendo a participação relativa superior entre os homens (em torno de 65%, conforme Gráfico 1-II) comparativamente às mulheres (em torno de 45%, conforme Gráfico 1-III). Quando observado os quintis mais pobres e mais ricos em termos de renda per capita, verifica-se que neste último o percentual de jovens ativos (PEA) é um pouco superior à do quintil mais baixo, principalmente nos anos mais recentes.

Gráfico 1 – Brasil: Evolução da composição da população juvenil por ocupação e categoria de análise (%) (2002 a 2012)



Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados da PNAD.

Nota¹: Resultados expandidos para população.

Especificamente em relação ao fenômeno “nem-nem” houve uma pequena variação positiva (aumento) no percentual de jovens “nem-nem” no decênio, situando-se próximo do patamar de 17% em 2012, sendo superior para as mulheres (principalmente devido ao elevado percentual de mulheres com filhos, quase 50%) em relação aos homens. Quando se compara os quintis de renda per capita é possível observar uma significativa diferença de composição, o grupo de jovens “nem-nem” representa uma parcela expressiva (em torno de 33%, conforme Gráfico 1-V) do quintil mais pobre da população.

Com intuito de se obter um maior entendimento sobre os principais fatores que podem afetar a condição ocupacional do jovem, a Tabela 2, a seguir, contém informações acerca das principais características socioeconômicas da amostra. A primeira coluna da tabela (grupo (a)) refere-se aos jovens “nem-nem”, enquanto a segunda coluna (grupo (b)) aos jovens “não nem-nem”.

Inicialmente, é possível perceber um maior predomínio de jovens, homens, engajados na PEA e/ou estudando, enquanto o grupo de risco, representado pelos jovens “nem-nem”, em sua maioria é formada por mulheres (aproximadamente 70% ao longo dos dez anos analisados). Com relação ao nível de escolaridade, os jovens ativos e que estudam são mais escolarizados do que os jovens inativos e que estão fora da rede de ensino.

No que respeita diz respeito às características raça/cor e idade, percebe-se que, independente do grupo e período, a idade média da população juvenil está próxima de 21 anos. Com relação à raça/cor, existe uma menor proporção de jovens brancos que simultaneamente não estudam e não participam da PEA em boa parte dos períodos observados - no último ano aproximadamente 25% da população jovem “nem-nem” se considera branca -, enquanto para o grupo dos jovens não “nem-nem” corresponde em torno de 28%.

O tamanho médio das famílias é formado por cerca de 4 a 5 membros, independente do grupo (a) ou (b), enquanto o número médio de crianças com idade inferior a três anos é superior nos lares com jovens “nem-nem”¹⁰. Por sua vez, em relação ao número de idosos aposentados, a média observada é a mesma nos dois grupos ao longo dos anos (aproximadamente 0,1 em todos os anos).

A relação entre a ocupação do jovem e nível de escolaridade do chefe (tomada como proxy de pai ou mãe) parece indicar uma forte concentração de chefes menos instruídos, independente do indivíduo pertencer aos lares dos jovens “nem-nem” ou “não nem-nem”. Contudo, no decorrer da década, percebe-se que essa relação era superior em lares com jovens inativos e que

¹⁰ Ressalta-se que mais de 29% dos lares dos jovens inativos e que estão fora da rede de ensino são compostos por jovens mulheres que possuem criança com menos de três anos na residência.

não estudam. Os dados apontam que, no último ano, aproximadamente 1,6% dos jovens “nem-nem” tinham pais mais escolarizados (com 12 anos ou mais de estudo) contra 3,8% dos jovens que integram a categoria dos jovens engajados na PEA e/ou que frequentam a rede de ensino.

No que concerne à influência do meio familiar na determinação da condição “nem-nem”, percebe-se que mais de 8% dos lares possuem mais de um “nem-nem” com mesma faixa de idade no mesmo círculo familiar. Com relação a renda familiar, é possível observar que os indivíduos inseridos em famílias com menor poder aquisitivo estão mais predispostos à inatividade (principalmente aqueles situados no 2º e 3º quintis). Ressalta-se ainda que as residências com jovens “nem-nem” que recebem rendimento proveniente de outras rendas (caderneta de poupança, dividendo e programas de transferência de renda, incluindo Bolsa Família) possuem uma renda média relativa a outras rendas superior (apesar de pequena) em relação aos lares com jovens que participam da PEA e estudam.

No caso específico da presença da mãe no lar, observa-se uma maior frequência da figura materna nas famílias com jovens ativos e/ou que estudam (representando mais de 60%, contra aproximadamente mais de 40% dos jovens enquadrados na condição “nem-nem” ao longo da trajetória temporal). Este resultado pode ser respaldado em Cobo e Saboia (2010) que afirmam que o conforto e o comodismo adquirido ao morar com os pais possibilitam maiores investimento na formação profissional, aumentando as chances de inserção no mercado de trabalho.

Tabela 2 – Brasil: Estatísticas descritivas da população juvenil para categoria “nem-nem” e “não nem-nem” (2002 a 2012)

CARACTERÍSTICAS	2002		2003		2004		2005		2006		2007		2008		2009		2011		2012	
	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)
INDIVÍDUO																				
Mulher (%)	70,5	42,9	68,5	42,1	68,4	41,2	69,8	41,7	72,1	43,7	70,6	42,5	68,6	42,8	70,4	44,1	70,9	43,6	72,3	43,5
Homem (%)	29,5	57,1	31,5	57,9	31,6	58,8	30,2	58,3	27,9	56,3	29,4	57,5	31,4	57,2	29,6	55,9	29,1	56,4	27,7	56,5
Idade Média	21,6	20,8	21,4	20,7	21,5	20,7	21,6	20,8	21,7	20,8	21,6	20,8	21,4	20,8	21,6	20,8	21,5	20,9	21,5	20,9
Branca (%)	41,0	45,1	34,9	38,1	36,2	35,8	32,6	37,0	35,4	35,4	31,7	32,7	28,7	33,3	31,8	32,5	28,6	30,7	25,2	28,4
Não Branca (%)	59,0	54,9	65,1	61,9	63,8	64,2	67,4	63,0	64,6	64,6	68,3	67,3	71,3	66,7	68,2	67,5	71,4	69,3	74,8	71,6
Ens. Fund. Incompleto (%)	51,9	40,0	50,5	40,8	49,0	39,6	48,7	37,5	45,8	35,7	43,4	35,5	42,1	31,4	38,2	31,3	32,6	24,5	36,9	26,2
Acima do Ens. Fund. (%)	48,1	60,0	49,5	59,2	51,0	60,4	51,3	62,5	54,2	64,3	56,6	64,5	57,9	68,6	61,8	68,7	67,4	75,5	63,1	73,8
FAMÍLIA																				
Média de crianças	0,4	0,1	0,3	0,1	0,4	0,1	0,4	0,1	0,3	0,1	0,4	0,1	0,3	0,1	0,3	0,1	0,4	0,2	0,4	0,1
Média de Mulher*criança	0,4	0,1	0,3	0,1	0,3	0,1	0,3	0,1	0,3	0,1	0,3	0,1	0,3	0,1	0,3	0,1	0,3	0,1	0,4	0,1
Média de idosos aposenta.	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
Tamanho médio da família	5,1	5,6	5,0	5,5	4,8	5,4	4,8	5,3	4,7	5,1	4,8	5,2	4,9	5,1	4,7	5,0	4,5	4,9	4,5	4,8
Outro "nem-nem" (%)	8,6	0,0	9,8	0,0	10,3	0,0	9,1	0,0	9,4	0,0	10,4	0,0	11,7	0,0	10,9	0,0	11,1	0,0	11,0	0,0
Sem outro "nem-nem" (%)	91,4	100	90,2	100	89,7	100	90,9	100	90,6	100	89,6	100	88,3	100	89,1	100	88,9	100	89,0	100
Média Log (outras rendas)	3,7	3,5	3,4	3,4	3,8	3,6	4,2	4,0	4,3	4,2	4,6	4,4	4,7	4,5	4,8	4,6	4,9	4,8	5,0	4,9
Mãe presente (%)	52,2	83,5	56,6	82,3	55,7	81,1	55,3	81,2	51,8	79,7	55,4	78,9	60,3	81,7	55,7	79,3	55,9	77,1	53,1	76,6
Ausência materna (%)	47,8	16,5	43,4	17,7	44,3	18,9	44,7	18,8	48,2	20,3	44,6	21,1	39,7	18,3	44,3	20,7	44,1	22,9	46,9	23,4
Chefe (≥ 12 anos estudo)	2,9	9,8	2,8	5,7	1,4	4,0	2,1	6,0	1,7	4,1	2,1	4,5	2,0	4,1	2,2	4,8	2,2	4,2	1,6	3,8
Chefe (< 12 anos estudo)	97,1	90,2	97,2	94,3	98,6	96,0	97,9	94,1	98,3	95,9	97,9	95,5	98,0	95,9	97,8	95,2	97,8	95,8	98,4	96,2
1º quintil de renda (%)	5,3	2,9	4,9	3,0	6,0	3,8	6,7	3,5	7,0	4,4	8,3	6,1	7,8	6,1	9,2	6,3	9,6	7,1	8,7	7,4
2º quintil de renda (%)	35,6	31,2	39,8	34,1	37,2	33,1	36,7	32,7	37,7	31,7	37,5	33,7	37,4	32,0	39,2	33,2	36,5	33,0	38,0	34,2
3º quintil de renda (%)	29,2	22,4	31,8	28,0	29,3	28,6	32,3	29,6	27,0	27,5	28,4	28,1	31,2	28,4	27,4	28,0	30,0	28,3	27,1	26,4
4º quintil de renda (%)	16,7	16,2	13,8	16,9	19,9	20,5	16,0	17,7	19,5	22,0	18,8	18,5	16,9	20,5	17,9	20,6	16,9	21,4	20,3	21,8
5º quintil de renda (%)	13,2	27,3	9,9	18,0	7,7	14,0	8,4	16,6	8,8	14,5	7,0	13,7	6,8	13,1	6,3	11,8	7,1	10,3	5,9	10,3

Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados da PNAD.

Nota¹: Coluna (a) corresponde aos jovens “nem-nem” e (b) corresponde aos jovens “não nem-nem”.

4.2 Determinantes da Condição “Nem-Nem”

Para determinar os condicionantes da condição “nem-nem” no Brasil estimou-se o modelo *logit*, cujos resultados estão reportados na Tabela 3 e referem-se aos efeitos marginais estimados para o período de 2002 a 2012.

A primeira coluna da tabela apresenta os resultados quando se incluem todos os jovens (I), enquanto a segunda coluna representa os resultados da amostra restrita às mulheres sem filhos (II). A adoção desta subdivisão consiste em entender o efeito direto de cada uma dessas variáveis sobre as chances de estar inativo e excluído do sistema educacional, para os jovens (sem exceção) e para as mulheres sem filhos. O argumento consiste na ideia de que as mulheres com filhos formam um grupo com características diferenciadas em virtude das particularidades ocasionadas pelos eventos biológicos e sociais as quais estão propensas, portanto, foram excluídas da análise (grupo II) de forma a não viesar os resultados.

Os resultados das estimativas do cenário (I) mostram que as variáveis relativas ao sexo, número de componentes, presença materna na residência, renda per capita familiar, existência de outro “nem-nem”, outras rendas, escolaridade do indivíduo e jovem mulher com criança na família foram em sua maioria significativa a 1%. Quanto às demais foram significativas a 5% ou 10%. Por sua vez, no cenário (II), as variáveis mais relevantes para explicar a tendência do fenômeno “nem-nem” estão relacionadas a outras rendas e a existência de outro “nem-nem”, com 1 % de significância em boa parte dos anos analisados.

A variável escolaridade mostrou-se determinante na probabilidade de o jovem estar na condição “nem-nem”. Em média, os jovens que possuem escolaridade menor que fundamental têm probabilidade maior de estar fora da rede de ensino e da força de trabalho do que os jovens com escolaridade igual ou superior ao fundamental. De forma geral, não houve mudanças significativas desse efeito ao longo dos anos, com exceção para o ano de 2002. Vale ressaltar que a demanda por maiores níveis educacionais se constitui como um fator desestimulador para a taxa de inatividade juvenil, corroborando com o trabalho de Cardoso (2013) ao ilustrar a importância da educação para redução da condição “nem-nem” entre a juventude.

No que diz respeito ao sexo, sugere-se que os indivíduos do sexo feminino são mais propensos a estarem excluídos da PEA e do sistema de ensino, tornando-se este efeito mais evidente entre o período de 2008 a 2012. Tal fato pode estar associado à maternidade e ao estado conjugal, tendo em vista que apesar dos avanços ainda existe hierarquias sociais construídas com base nas relações de gênero

Em relação às variáveis relativas ao número de aposentados na família e do rendimento proveniente de outras rendas não oriundas do trabalho, verifica-se no caso do primeiro um efeito positivo e significativo, evidenciando que à medida que aumenta o número de aposentados, maior é a proporção de jovens que não estudam e nem participam da força de trabalho, mantendo esse comportamento em alguns anos analisados e intensificando-se entre os anos de 2011 e 2012. No caso da segunda variável, os resultados, a princípio, indicaram que o rendimento de outras rendas não oriundas do trabalho (no qual inclui rendimentos provenientes de programas sociais, juros e dividendos) apresentaram uma trajetória de crescimento contínuo de 2004 a 2011 (de 2 p.p. para 4 p.p.), aumentando as chances de inatividade ocupacional entre a juventude. Sugere-se que este aumento expressivo da variável associada a outras rendas pode estar relacionado ao componente do Bolsa Família –política do Governo Federal implementada a partir de janeiro de 2004-, considerado um dos pilares no processo de erradicação da pobreza no país durante os governos Lula e Dilma.

O tamanho da família tende a afetar de forma negativa a probabilidade de o jovem estar no grupo de risco, tendo em vista que a cada novo membro adicionado reduz a probabilidade do jovem ser “nem-nem” em aproximadamente 1 p.p. a 2 p.p. ao longo dos períodos analisados. Esse resultado pode estar relacionado à necessidade de complementação da renda familiar, o que força os jovens a se inserir no mercado de trabalho, bem como buscar maior qualificação, como abordado no estudo de Cardoso (2013).

A relação entre ter crianças na família e ser “nem-nem” apresenta pouca relevância estatística apesar do efeito negativo. Contudo, ao buscar captar a influência desta variável sobre o fato do jovem ser homem ou mulher (variável de interação), observa-se que as chances de o indivíduo estar na

condição “nem-nem” aumentam se este, além de possuir criança na família, for do sexo feminino, representando uma redução de aproximadamente 15,8 p.p. para cada criança adicional na família em 2012. Essa evidência pode estar associada ao fato de que a mulher, apesar dos avanços quanto aos seus direitos, está mais predisposta a assumir alguns papéis associados aos afazeres domésticos e cuidado dos filhos ou irmãos mais novos.

No caso específico da presença materna na residência, as inferências estatísticas ilustraram que a existência da figura da mãe no lar tende a reduzir as chances do indivíduo estar na condição “nem-nem”, evidenciando dessa forma que a estrutura familiar do jovem é considerada preponderante para sua trajetória, representando, no último ano, para todos os jovens aproximadamente 6,6 p.p. Segundo Lima (2012), isso ocorre porque a ausência materna representa uma perda fundamental dos recursos disponíveis ao indivíduo, sendo esta uma das principais hipóteses defendidas pelos teóricos relacionados às teorias sobre os efeitos do capital social para a manutenção da trajetória educacional e laboral dos jovens.

Os resultados das estimações dos efeitos marginais ressaltaram que a existência de outro jovem “nem-nem” na família aumenta a probabilidade do jovem em ser “nem-nem” em aproximadamente 2/5, como também observado entre as mulheres sem filhos (grupo II), o que já era esperado, pois se acredita na influência dos efeitos de interação dos indivíduos pertencentes ao mesmo núcleo familiar. Essa evidência corrobora com os resultados obtidos pelo estudo de Cardoso (2013) ao supor que se há um jovem na família em condição de vulnerabilidade, haverá outros na mesma condição.

Quando se analisa a contribuição da escolaridade do chefe da família (aqui tomada como *proxy* para educação dos pais) como fator na determinação do estado ocupacional e educacional juvenil, verifica-se que quanto maior a escolaridade do chefe na residência menor as chances de o indivíduo jovem estar na inatividade. Esse resultado assemelha-se ao observado por Menezes-Filho *et al.* (2002) e Barros e Mendonça (1991) ao considerar a contribuição da escolaridade do chefe no meio familiar como um dos principais fatores condicionantes a inserção no mercado de trabalho e da rede de ensino para os jovens.

Tabela 3 – Brasil: Resultados dos Efeitos marginais dos determinantes da Geração “nem-nem” (2002 a 2012)

Variáveis/ Ano	2002		2003		2004		2005		2006		2007		2008		2009		2011		2012		
	(I)	(II)	(I)	(II)	(I)	(II)	(I)	(II)	(I)	(II)	(I)	(II)	(I)	(II)	(I)	(II)	(I)	(II)	(I)	(II)	
	Todos	Mulher s/ filho	Todos	Mulher s/ filho	Todos	Mulher s/ filho	Todos	Mulher s/ filho	Todos	Mulher s/ filho	Todos	Mulher s/ filho	Todos	Mulher s/ filho	Todos	Mulher s/ filho	Todos	Mulher s/ filho	Todos	Mulher s/ filho	
Escolaridade do chefe	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	0,099***	-0,036	-0,032	-0,087	0,090***	0,165***	-0,074**	-0,089*	0,093***	0,129***	-0,043	0,0257	-0,045*	-0,061	0,079***	-0,065	0,087***	0,182***	0,106***	0,182***	
Mulher	0,066***	-	0,079***	-	0,084***	-	0,092***	-	0,099***	-	0,114***	-	0,099***	-	0,105***	-	0,115***	-	0,134***	-	
Outro nem-nem	0,400***	0,375***	0,433***	0,311***	0,396***	0,364***	0,413***	0,512***	0,438***	0,403***	0,455***	0,444***	0,444***	0,427***	0,470***	0,489***	0,499***	0,482***	0,520***	0,482***	
Escolaridade do jovem	0,011	0,019	0,029***	0,076***	0,023***	0,048***	0,030***	0,062***	0,036***	0,055***	0,023**	0,039*	0,039***	0,064***	0,024**	0,046**	0,047***	0,078***	0,055***	0,078***	
Idade	0,009***	0,014***	0,007***	0,011***	0,008***	0,013***	0,008***	0,014***	0,009***	0,013***	0,008***	0,013***	0,005***	0,009***	0,009***	0,009***	0,006***	0,007**	0,006***	0,007**	
Nº crianças	0,033	-	-0,032	-	0,019	-	0,008	-	-0,006	-	0,032	-	0,002	-	-0,043	-	-0,065**	-	-0,039	-	
Mulher*criança	0,044	-	0,103**	-	0,068***	-	0,080***	-	0,082***	-	0,055**	-	0,084***	-	0,123***	-	0,168***	-	0,158***	-	
Tamanho Família	0,011***	-0,006	0,016***	0,014***	0,024***	0,023***	0,021***	0,013***	0,017***	0,011***	0,018***	0,023***	0,016***	0,011***	0,013***	0,012***	0,024***	0,021***	0,020***	0,021***	
Branca	-0,011	0,008	-0,005	-0,022	0,0045	-0,009	-0,005	0,014	0,008	-0,014	0,015	0,016	-0,019**	-0,030*	0,007	0,006	-0,003	-0,014	-0,014	-0,014	
Outra renda	0,019***	0,012*	0,010**	0,018**	0,021***	0,011*	0,023***	0,019***	0,026***	0,027***	0,030***	0,036***	0,039***	0,028***	0,043***	0,031***	0,044***	0,045***	0,041***	0,045***	
Nº aposentados	0,021	0,007	0,013	0,021	0,000	0,006	0,025**	0,038**	0,028***	0,058***	0,004	0,027	0,026**	0,035*	-0,012	-0,008	0,026**	0,027	0,038***	0,027	
Presença mãe	0,082***	-0,045*	0,054***	0,004	0,033***	0,016	0,037***	-0,031	0,060***	-0,038**	0,044***	-0,033	0,061***	-0,034*	0,065***	-0,035*	0,049***	0,064***	0,066***	0,064***	
20º percentil	0,072**	0,209***	0,088***	0,182**	0,068***	0,069	0,102***	0,234***	0,164***	0,075***	0,180***	0,074***	0,098**	0,085***	0,109***	0,054**	0,115***	0,053**	0,053**	0,115***	
40º percentil	0,065***	0,065**	0,082***	0,049	0,077***	0,061**	0,078***	0,091***	0,062***	0,071***	0,089**	0,178**	0,091***	0,098**	0,097***	0,102***	0,053***	0,069**	0,068***	0,069**	
60º percentil	0,094***	0,093***	0,093***	0,098***	0,073***	0,043*	0,085***	0,096***	0,044***	0,061***	0,087***	0,140***	0,092***	0,080***	0,082***	0,064***	0,063***	0,053*	0,062***	0,053*	
80º percentil	0,055***	0,091***	0,041**	0,038	0,068***	0,048**	0,055***	0,065***	0,031**	0,069**	0,079**	0,119**	0,052***	0,058***	0,069***	0,070***	0,014	0,017	0,065***	0,017	
Centro-Oeste	-0,041*	-0,106**	0,033	0,043	0,050***	-0,073**	-0,016	0,009	-0,027*	-0,041	0,020	-0,070	-0,021	-0,047	-0,007	-0,012	-0,013	0,004	-0,003	0,0041	
Nordeste	-0,040**	0,0843**	0,006	0,017	-0,028**	-0,030	-0,019	-0,028	0,038***	-0,040**	0,003	-0,030	0,001	-0,023	-0,006	0,007	0,012	-0,004	0,009	-0,0040	
Sul	0,060***	0,125***	0,002	0,028	-0,042**	-0,042	-0,016	0,004	-0,037**	0,016	-0,015	-0,094**	0,017	-0,053	0,008	-0,009	-0,043**	-0,060*	0,021	-0,060*	
Sudeste	-0,047**	0,113***	0,027	0,012	0,004	-0,013	-0,015	-0,041	-0,032**	-0,023	-0,016	-0,035	-0,001	-0,034	-0,015	-0,030	0,001	-0,017	0,011	-0,017	

Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados da PNAD.

Nota¹: Significância *** p<0,01, ** p<0,05, * p<0,1.

Nota²: No cenário (II) foram excluídas as variáveis relacionadas ao número de crianças e sexo do jovem com intuito de evitar colinearidade.

No que diz respeito à variável cor ou raça, em geral, esta não se mostrou significativa, exceto no ano de 2008, onde percebe-se que os indivíduos brancos são menos propensos a estar inativos, representando cerca de 2 p.p. Já no caso específico da variável idade, ressalta-se que, à medida que a idade aumenta, os jovens estão mais predispostos a entrarem na inatividade, principalmente as jovens sem filhos, representando no decorrer dos períodos cerca de 1 p.p.

No tocante à localização, em linhas gerais, a incidência do fenômeno dos “nem-nem” é considerada superior para os moradores da região Norte, corroborando com os resultados já encontrado na análise não condicional.

No caso da renda familiar per capita, os resultados mostram que jovens oriundos de famílias de menor poder aquisitivo têm maiores chances de serem inativos. Os coeficientes estimados destacam que a probabilidade de o jovem ser “nem-nem” se reduz à medida que subimos na distribuição de renda, o que evidencia que jovens pertencentes a famílias consideradas 20% mais pobres em 2012 tem probabilidade de 5 p.p. maior de estar nesta condição em relação a indivíduos situados em famílias consideradas 20% mais ricas (categoria omitida).

Por fim, ressalta-se que os resultados encontrados sobre as variáveis relacionadas às características individuais e familiares seguem a análise descritiva preliminar elaborada anteriormente e também corroboram com as evidências expostas na literatura nacional [Cardoso (2013), Monteiro (2013), Camarano *et al.* (2006), Menezes-Filho *et al.* (2002) e Barros e Mendonça (1991)].

5. Considerações finais

Este trabalho buscou analisar teórica e empiricamente os condicionantes da geração “nem-nem” no Brasil no período de 2002 a 2012, buscando especificar de que forma o efeito de determinados atributos socioeconômicos interfere na probabilidade de o jovem estar inativo e fora do sistema educacional.

Por meio da análise dos dados, foi possível perceber que o investimento em capital humano é fator primordial para a redução da taxa de

inatividade laboral e educacional juvenil, uma vez que jovens mais escolarizados estão menos propensos a estarem enquadrados no grupo de risco. Tal resultado está de acordo com os demais estudos na área, ressaltando a educação como ferramenta fundamental no combate às disparidades econômicas e sociais no país.

Considerando a influência dos efeitos de interação dos indivíduos pertencentes ao mesmo núcleo familiar, os resultados das estimações ressaltaram que a existência de outro jovem “nem-nem” na família com mesma faixa de idade aumentam as chances do jovem em ser “nem-nem” em mais de 30 p.p. em todos os períodos analisados. Os achados empíricos ressaltaram ainda que as variáveis relacionadas ao *background* familiar (renda familiar, presença materna, escolaridade do chefe) são primordiais para se determinar o status ocupacional e educacional do jovem, tendo como pressuposto a importância de uma conjuntura familiar favorável para a redução das taxas de inatividade. Ou seja, conclui-se que jovens com pais mais escolarizados, que possuem influência materna no domicílio bem como maior nível de renda, apresentam chances menores de estarem inativos e fora da escola.

Um dos resultados mais interessantes foi captado pela variável relacionada ao número de idosos aposentados na família, até então pouco explorado nos estudos especializados na área. O coeficiente positivo da variável estimada no último ano indica que a presença de idosos aposentados gera um efeito positivo na probabilidade de o indivíduo ser “nem-nem”. Esse resultado pode indicar a importância do rendimento da aposentadoria no arranjo familiar - muitas vezes considerada como única fonte de renda - principalmente em cidades cuja renda é fundamental na sobrevivência econômica da família. Além do mais, a existência de idosos no meio familiar inspira maior preocupação dos demais membros da família, uma vez que se trata de um público mais vulnerável e que necessita de maiores cuidados e amparos médicos, podendo influenciar na inatividade dos demais membros da mesma família devido a maior necessidade de auxílio e assistência aos idosos da família.

De forma geral, as evidências encontradas fornecem elementos que contribuem para um melhor conhecimento da população juvenil, em especial da geração “nem-nem”. Embora o percentual de “nem-nem” tenha permanecido relativamente estável no decênio 2002-2012, é possível perceber um aumento no seu percentual nos últimos anos justamente quando a População em Idade Ativa (PIA) no Brasil alcançou os maiores patamares de sua história comparativamente ao número de idosos e crianças (razão de dependência). Isto significa que o país pode estar perdendo os benefícios do bônus demográfico vivenciado devido, dentre outros fatores, ao aumento da população “nem-nem”. Em um país em que a elevada concentração de renda gera um ciclo vicioso da pobreza retratado na grande quantidade de jovens sem maiores perspectivas futuras no mercado de trabalho, é fundamental reforçar a necessidade da qualificação juvenil, desenvolver habilidades em diversos ramos do conhecimento desde os primeiros anos de vida do ciclo escolar do indivíduo e também combater as causas consideradas mais graves – e estruturais.

Por fim, este estudo não visa encerrar o tema em foco, dado que o tema é abrangente e envolve eventos de caráter diferenciados tais como os relacionados aos arranjos familiares e sistemas econômicos locais e regionais; mas alerta para a necessidade de pesquisas mais detalhadas que proporcionem uma visão mais realista dos condicionantes econômicos, sociais e culturais que contribuem para a inatividade juvenil.

Referências

BARROS, R. P. de; MENDONÇA, R. (1991). “Infância e adolescência no Brasil: as consequências da pobreza diferenciadas por gênero, faixa etária e região de residência”. Pesquisa e Planejamento Econômico, Vol. 21, nº 2.

CAMARANO, A.A.; KANSO, S. (2012). “O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho?”. Mercado de trabalho. Vol. 53, p. 37-44.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L.; ANDRADE, A. (2006). “Estão fazendo a transição os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho?”. In: Ana Amélia Camarano. (Org.). Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? Rio de Janeiro: IPEA.

CARDOSO, A. (2013). “Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação”. Caderno CRH, Salvador, Vol. 26, n° 68.

COBO, B.; SABOIA, A. (2010). “A geração canguru no Brasil”. In: XVII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Caxambu. Anais do XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP.

COLES, B.; HUTTON, S.; BRADSHAW, J.; CRAIG, G.; GODFREY, C.; JOHNSON, J. (2002). Literature Review of the Costs of being ‘Not in Education, Employment or Training’ at Age 16-18. Department for Education and Skills, Research Report n° 347.

DORSETT, R., LUCCHINO, P. (2012). “Snakes and ladders in the youth labour market”. In: 26th Annual Conference of the European Society for Population Economics – ESPE.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Documentação dos microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, CD-ROM. 2002 a 2012.

IPEA. Agenda Jovem. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/130722_apresentacao2_juventudedemografia.pdf>. Acesso: em: 28 set. 2014.

LIMA, R. G. (2002). “O que fazer? Entre a escola e o mercado de trabalho: as trajetórias percorridas pelos jovens brasileiros nas últimas décadas”. Revista Juventude, Centro de Estudos e Memória da Juventude, Vol. 6, p. 5.

MENEZES-FILHO, N. A.; FERNÁNDEZ, R.; PICCHETTI, P.; BARROS, R.; CORSEUIL, C. FOGEL, M.; SANTOS, D. WAJNMAN, S.; LEME, M. C. (2002). Adolescents in Latin America and the Caribbean: Examining the time allocation decisions with cross-country micro data. Inter-American Development Bank Research Network Working Paper, n° R-470.

MONTEIRO, J. (2013). Texto de discussão. FGV/ IBRE, n.34.

NONATO, F.J.A.P.; PEREIRA, R.H.M.; NASCIMENTO, P.A.M.; ARAÚJO, T.C. (2012). “O perfil da força de trabalho brasileira: trajetórias e perspectivas”. Boletim Mercado de Trabalho - Conjuntura e Análise, n° 51. OCDE – Um bom começo na vida activa? Empregos para os jovens. 2010. Disponível em: <<http://www.oecd.org/els/emp/46748293.pdf>> Acesso em: 15 de junho de 2014.

SHEEHY, G. (1996). *New passages*. New York: Ballantine Books.

THIMOTEO, T. (2013). *Geração nem lá nem cá*. Rio de Janeiro: Conjuntura Econômica.

VIEIRA SILVA, N.D; KASSOUF, A.L. (2002). “O trabalho e a escolaridade dos jovens brasileiros”. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto: ABEP, 4 a 8 de novembro de 2002.